

Breve síntese sobre a evolução do Museu de São Roque

O Museu de São Roque reúne uma das mais completas coleções de arte sacra a nível nacional, o que em grande medida se deve à origem das obras que constituem o seu acervo, proveniente da antiga ermida manuelina de São Roque, da igreja e antiga casa professa da Companhia de Jesus em Lisboa e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Este museu tem a peculiaridade de não ter sido desagregado do monumento que lhe esteve na origem, a igreja e antiga casa professa de São Roque, característica que lhe confere uma integridade especial. Beneficiou este património do facto de após a expulsão da Companhia de Jesus, em 1759, ter sido entregue, por doação régia de D. José I (1714-1777), à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa que, deste modo, recebeu todo o acervo desta ordem religiosa, protegendo-o da espoliação que afetou a maioria dos conventos e casas religiosas portuguesas no século XIX.

A primeira apresentação pública da coleção – génese do museu

O Museu de São Roque foi um dos primeiros museus a serem criados em Portugal, numa fase em que se começava a valorizar as artes ornamentais no nosso país. Embora date de 1905, a sua fundação como espaço museológico no sentido restrito do termo, em Oitocentos, era já evidente a preocupação da Misericórdia de Lisboa em divulgar ao público o seu rico acervo artístico. Exemplo disto é a primeira apresentação das relíquias da igreja de São Roque a 30 de janeiro de 1843 no templo inaciano, na presença da família real, mostra que teve continuidade nos anos seguintes (SCML\GA\01\Lv. 015, p. 306, 326, 337, 394, 458). Em 1898, por ocasião das comemorações do IV centenário da fundação da Santa Casa, são pela primeira vez expostas publicamente as alfaías e paramentos do tesouro da capela de São João Batista da igreja de São Roque, tendo sido adaptado o espaço da sacristia com o objetivo de apresentar as principais peças da coleção e outras de que a Santa Casa era possuidora (fig. 1). Para o efeito, acomodou-se o arcaz seiscentista para servir de expositor e cobriram-se as pinturas laterais com os sumptuosos paramentos da coleção, exibindo-se as principais peças de ourivesaria em expositores em madeira de ébano, numa linguagem tipicamente revivalista que procurava ir ao encontro do gosto do século XVIII¹.

Contribuíram significativamente para o êxito desta mostra as comemorações da efeméride da chegada de Vasco da Gama à Índia, cujas celebrações desfrutaram da área do Chiado

.....
1. Na ocasião, foi igualmente apresentada ao público, nos altares que ladeiam a capela-mor, a coleção de relíquias de que a Santa Casa era proprietária (Ribeiro, 1902, p. 346).

INTRODUÇÃO



Fig. 1
Primeira apresentação
pública do tesouro da
capela de São João Batista
na sacristia da igreja
de São Roque, 1898-1905

como um dos principais polos dos festejos². A preparação desta mostra originou um rigoroso trabalho de catalogação das peças de ourivesaria e paramentaria do século XVIII, encomendadas a Roma por D. João V (1689-1750), para uso exclusivo naquela capela. Para a realização deste estudo foi contactado o historiador Francisco Marques de Sousa Viterbo, a quem coube a redação, preâmbulo e coordenação do catálogo, tendo com ele colaborado o professor Rodrigo Vicente d'Almeida, oficial da biblioteca real do palácio da Ajuda, onde se reúne a documentação respeitante às encomendas joaninas a Roma. Deste estudo resultou a edição da obra *A Capela de São João Batista Erecta na Egreja de São Roque* (Viterbo e Almeida, 1902) um dos primeiros contributos para o estudo das artes decorativas portuguesas e ainda hoje uma referência para o conhecimento da história da capela e do seu acervo.

Nesta ocasião foi contratado o fotógrafo da Casa Real, Augusto Bobone (1852-1920), para fotografar as alfaías e outros objetos pertencentes à coleção da capela de São João Batista (SCML/OA/MS/04/Lv. 015, f. 280v).

2. No decorrer de 1898, programaram-se algumas manifestações de peso com o objetivo de fazer coincidir o IV centenário da Misericórdia de Lisboa com esta efeméride (Ribeiro, 1902, p. 344).

INTRODUÇÃO

O “Museu do Tesouro da Capela de São João Batista”.

De 1905 a 1929

A curiosidade e interesse pela beleza e raridade desta coleção incentivou a apresentação permanente deste tesouro da Misericórdia de Lisboa num espaço mais amplo, motivando o então provedor António Augusto Pereira de Miranda (1838-1922), ministro do Reino, a criar o “Museu do Tesouro da Capela de São João Batista”, escolhendo a antiga sala de extrações da lotaria para a sua instalação (fig. 2)³.



Fig. 2
Interior do museu
após a sua fundação
em 1905

O arquiteto Arnaldo Adães Bermudes (1864-1948) recebeu a incumbência da elaboração do projeto e da regularização da fachada do edifício adjacente à igreja. Concluídas as obras, o Museu de São Roque foi solenemente inaugurado a 11 de janeiro de 1905, ato que contou com a assistência de suas majestades o rei D. Carlos I (1863-1908) e a rainha D. Amélia (1865-1951) (SCML\OA\MS\04\Lv. 017, f. 29v-32v). Seguindo os critérios museográficos da época, pretendeu-se uma ampla apresentação dos objetos, acomodando-se a nova sala com

.....
3. A nova sala de extrações da lotaria foi inaugurada por ocasião da lotaria de Natal, no ano de 1901, construída de raiz no antigo pátio da cisterna.

INTRODUÇÃO

vários expositores, uns provenientes da sacristia e outros concebidos para o efeito, mais uma vez, dentro do gosto revivalista.

Para a realização deste empreendimento contribuíram as diligências de Francisco Ribeiro da Cunha, pelo que a administração da Santa Casa, numa atitude de reconhecimento pelos seus valiosos serviços resolveu lançar em ata um voto de louvor e profundo agradecimento, convidando-o a aceitar o cargo de conservador do Museu de São Roque (SCML\OA\MS\04\Lv. 017, f. 29v-32v).

Já na altura era evidente a preocupação em desenvolver o estudo do acervo do museu e da igreja de São Roque, como testemunha a organização de um inventário circunstanciado das relíquias existentes na igreja, realizado por Ribeiro da Cunha (SCML\OA\MS\04\Lv. 017, f. 45).

“O Museu de Arte Sacra de São Roque”. De 1929 a 1964

Acompanhando o movimento de renovação nacional impulsionado pelo golpe militar que pôs fim à Primeira República, a Misericórdia de Lisboa encetou um conjunto significativo de obras de modernização. No campo da ação cultural tal política teve expressão especificamente com a ampliação deste espaço museológico. Entre 1929 e 1931, sob o mandato do provedor José da Silva Ramos (1883-1939), o museu foi submetido a uma importante empreitada. É, pois, com o conservador Jorge Cid (1897-1935) que ocorre a primeira importante remodelação, que consistiu no alargamento do espaço a novas salas do segundo piso, tendo sido então adicionadas novas vitrinas, de linhas mais discretas (fig. 3). A grande novidade desta



Fig. 3
Perspetiva do museu
por ocasião
da remodelação de Jorge Cid
apresentada ao público
em 1931



Fig. 4
Vista de uma sala do museu
após a remodelação
de Pedro da Cunha Santos,
ocorrida entre 1937 e 1940

ampliação consistia em dar a conhecer ao público várias coleções até então desconhecidas, encontrando-se já latente nesta fase uma certa preocupação em salientar o valor estético dos objetos. O até então designado “Museu do Tesouro da Capela de São João Batista” surgia agora com a designação de “Museu de Arte Sacra de São Roque”.

Esta remodelação, com a abertura de dois novos espaços, foi apresentada ao público no ano de 1931. Durante a década de 30, o Museu de São Roque vai ganhando cada vez mais projeção como museu de arte sacra. Assim o testemunham a implementação de ações concretas que tiveram como intuito a divulgação do seu acervo, nomeadamente a venda de fotografias e a impressão de álbuns postais como fonte de receita, sendo de registar os vários artigos que saíram em publicações da época⁴. Em 1936, com a morte de Jorge Cid, o conselho da Misericórdia decidiu subordinar provisoriamente o museu à secretaria da instituição, tendo na década de 40 a sua superintendência sido entregue a Pedro da Cunha Santos, então chefe da primeira repartição do património (SCML\OA\MS\04\Lv. 029, p. 436). O relatório que apresentou em 1940 dá nota de intervenções feitas na igreja com o objetivo de lhe restituir integridade, “livrando-a de excrescências” que deturpavam o espaço e ocultavam os valores artísticos. No espaço do museu, que curiosamente classifica como um complemento da igreja, efetua um novo arranjo (fig. 4) com o intuito de conferir maior visibilidade à exposição, procurando não desvirtuar a anterior conceção. Aqui realizou simples beneficiações na coleção de pintura e deu um arranjo mais sistemático nas vitrinas e nos objetos expostos, com a intenção de salientar o seu valor artístico, referindo que o novo arranjo teria a vantagem de proporcionar visitas noturnas, do que se depreende que terá interferido ao nível da iluminação do espaço.

.....
4. Em 1933 foi editado o guia ilustrado *Portugal. A Arte. Os Monumentos. A Paisagem. Os Costumes. As Curiosidades*, com um volume dedicado a “São Roque e o seu museu”, da autoria de Jorge Cid. Em 1937, publicou-se o *Guia de Portugal Artístico*, coordenado por M. Costa Ramalho, contendo o 4.º volume as monografias “São João Batista na Igreja de São Roque”, da autoria do Dr. Serafim Leite e “O Museu de Arte Sacra da Misericórdia de Lisboa”, da autoria do Dr. José da Silva Ramos, na época, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

INTRODUÇÃO

Do referido relatório conclui-se que resulta da ação de Cunha Santos a adaptação de uma galeria anexa ao museu, onde foram expostos antigos quadros da igreja de São Roque e do convento de São Pedro de Alcântara, bem como de alfaias de prata até então guardadas nos cofres da tesouraria e, ainda, objetos e documentos relacionados com a história da Irmandade de São Roque e da Companhia de Jesus.

De “museu de arte sacra” a “museu de monumento”. De 1964 a 2006

Em 1964, ingressou no Museu de São Roque a conservadora Maria João Madeira Rodrigues, na época, conservadora-estagiária do Museu Nacional de Arte Antiga, dando início ao desenvolvimento de um novo programa museológico (Rodrigues, 1964). Posteriormente, foi nomeada assessora para o património arquitetónico e artístico da Santa Casa. No ano de 1968, o museu reabriu ao público com uma notável intervenção do arquiteto Fernando Peres Guimarães (1918-2016) e patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian, a qual alterou o discurso expositivo, sendo hoje entendido como um dos marcos da museologia em Portugal na década de 60 (fig. 5).

Em sintonia com os novos conceitos museológicos da época, Madeira Rodrigues optou por diminuir a anterior carga museográfica, circunscrevendo a exposição de obras de arte ao estritamente essencial, numa atmosfera concebida para estimular e conduzir a atenção do visitante (fig. 6). Deste modo, reservou as salas de todo o primeiro piso à apresentação da coleção da capela de São João Batista, resultando a valorização dos objetos da sua instalação



Fig. 5
Perspetiva de uma sala
do museu por ocasião
da remodelação
de Maria João Madeira
Rodrigues, em 1968

INTRODUÇÃO



Fig. 6
Vista do núcleo II
do museu, remodelado
por Maria João Madeira
Rodrigues em 1968

em modernas vitrinas em alumínio, material que na época se divulgava, não interferindo com a arquitetura do museu e clarificando a leitura das obras de arte. Após uma cuidada reflexão sobre a importância patrimonial do conjunto arquitetónico de São Roque, bem como sobre a abrangência e valor das coleções nele conservadas, Maria João Madeira Rodrigues procedeu à reclassificação do museu, ponderando que este não deveria estar associado a um conceito de “museu de arte sacra”, mas sim, num sentido mais lato e atualizado, a um conceito de “museu de monumento”, pela especificidade de se encontrar adstrito à igreja de São Roque e à capela de São João Batista, dois monumentos de importância capital para a história da arquitetura que reconhece como os grandes vetores de estruturação de todo o conjunto patrimonial. Maria João Madeira Rodrigues decidiu ampliar o espaço museológico, propondo a criação de novos núcleos temáticos e a sua expansão às áreas envolventes dos dois antigos claustros da casa professa de São Roque (Museu de São Roque, 17-05-1985; Rodrigues, 1988a, p. 30), projeto que, apresentado em 1984 pelo arquiteto Sérgio Infante, não chegou a ser concretizado. Resulta, todavia, desta programação o alargamento da área do “museu II” (atual galeria de exposições temporárias) a duas salas contíguas com idênticas características arquitetónicas; a primeira destinada a expor predominantemente as coleções de origem portuguesa, a segunda adaptada a oficina de manutenção e de pequenos restauros (Rodrigues, 1988a, p. 29).

A Maria João Madeira Rodrigues sucede a conservadora Matilde Sousa Franco, licenciada em história, que ingressa no Museu de São Roque em 1992, na continuidade de um percurso profissional ligado à museologia, do qual se destacam os cargos que havia exercido como diretora em vários museus de âmbito nacional e municipal. Aqui exerceu funções durante cerca de um ano, reabrindo em julho de 1992 o Museu de São Roque, o qual havia

INTRODUÇÃO



Fig. 7
Perspetiva de uma sala do
museu após a remodelação
de Nuno Vassallo e Silva,
em 1993

sido encerrado temporariamente devido à necessidade de obras. Embora circunscrita a um curto período de tempo, a sua ação destacou-se pela introdução de melhoramentos, não só através de trabalhos de restauro em peças que seriam expostas, como pela execução de obras de beneficiação nas salas do museu, com algumas adaptações à conceção anterior. No âmbito da divulgação, destacou-se a publicação de uma brochura trilingue acerca da exposição permanente do museu (Franco, 1992), sendo igualmente de salientar a intenção de dinamizar o serviço educativo.

A última remodelação de vulto data de 1993, tendo sido implementada pelo conservador Nuno Vassallo e Silva, sob coordenação geral de Elvira Brandão, então secretária-geral da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, cuja ação se destacou pelo incremento que deu ao estudo e à divulgação das coleções do museu junto do público em geral e dos investigadores. Segundo o projeto do arquiteto João Bento de Almeida, alterou uma grande parte do discurso museológico, circunscrevendo o tesouro da capela de São João Batista a uma das salas maiores do museu e, simultaneamente, apresentando obras que havia demasiado tempo não eram expostas, como era o caso do acervo da Misericórdia de Lisboa (fig. 7).

Este novo projeto procurava dar continuidade ao programa iconográfico da igreja, estabelecendo uma ponte entre esta e o museu. Apresentavam-se, então, três novos núcleos, *Misericórdia de Lisboa*, *Ermida de São Roque* e *Companhia de Jesus*, nos quais se alternava pintura com peças de ourivesaria e escultura (fig. 8). Desta forma, percorrendo as galerias do museu, o visitante facilmente apreendia o discurso iconográfico da igreja de São Roque,

INTRODUÇÃO



Fig. 8
Vista geral da exposição
temporária *Esplendor
e Devoção. Os Relicários
de São Roque* (1998)
na galeria de exposições
temporárias do museu
recuperada por
Nuno Vassallo e Silva

estabelecendo ainda a ligação entre a história da Companhia de Jesus e a história da Misericórdia de Lisboa. A grande inovação do projeto resultou do facto de possibilitar, através destes quatro núcleos, a divulgação do diversificado acervo museológico, proporcionando ao visitante uma leitura muito clara do mesmo, individualizando coleções e percursos históricos. Para além de várias campanhas de restauro do acervo artístico da Santa Casa, foi considerada uma tarefa prioritária o estudo aprofundado das coleções, através da edição de inventários / / catálogos de exposições, constituindo-se, assim, a coleção *Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Da ação deste conservador resultou também um importante contributo para a grande obra da consolidação das estruturas da igreja de São Roque, realizada no ano de 1997-98⁵.

Embora já em data posterior, entre as ações de conservação e salvaguarda do património artístico da Santa Casa, cabe salientar a importante obra de restauro da pintura quinhentista do teto da igreja de São Roque, entre janeiro e junho de 2001, resultante de parceria estabelecida com a então Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e do apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Ainda no domínio da conservação e restauro foram objeto de intervenção as telas seiscentistas do espaldar do arcaz da sacristia da igreja de São Roque (2005), o retábulo-mor da igreja e o conjunto de sete telas que o integram (2006).

.....
5. As iniciativas desenvolvidas pelo Museu de São Roque entre 1995 e 1999 traduziram-se num importante contributo para as comemorações do V centenário da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, integrando o respetivo programa. Acerca da evolução histórica do Museu de São Roque veja-se Morna, 2005.

INTRODUÇÃO

O projeto museológico de 2008

Entre 2006 e 2008 o Museu de São Roque beneficia de nova remodelação por vontade da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em requalificar o seu património e colmatar uma série de limitações há muito sentidas. Promover a acessibilidade ao museu e ao seu acervo foi o desafio que esteve na génese deste projeto de remodelação. De facto, são muitos os fatores que podem colocar obstáculos à plena fruição do património cultural, desde barreiras físicas associadas à própria arquitetura, até à comunicação do espaço e do acervo.

Este projeto de arquitetura, da autoria de Carlos Pietra Torres, proporcionou a expansão do museu para as áreas sul, oeste e norte do edifício, abraçando o antigo claustro seiscentista da antiga casa professa da Companhia de Jesus, o que permitiu aumentar consideravelmente a área de exposição e criar novas estruturas de acolhimento e apoio.

O espaço do museu organiza-se fisicamente em duas áreas de visita: a igreja, como parte integrante do percurso museológico, e o museu, com uma zona de acolhimento e cinco núcleos expositivos, estruturados segundo uma articulação temática e de acordo com uma lógica cronológica.

Da entrada, feita através da porta central do edifício, ponto nevrálgico da estrutura arquitetónica, acede-se ao átrio, onde se localiza a receção, a loja e o restaurante / cafetaria, este com acesso direto para o claustro (fig. 9).

A remodelação permitiu desobstruir as paredes e corpos que foram apostos ao claustro na década de quarenta do século XX, reconstituindo-lhe assim a nobre traça seiscentista



Fig. 9
Vista geral do claustro
do museu

INTRODUÇÃO

que, pelo seu dimensionamento geral e pelas harmoniosas proporções que o caracterizam, se distingue como o ponto central da conceção arquitetónica do edifício. Assim, em estreita consonância com o projeto de arquitetura, foi concebido para este espaço um projeto paisagista, o qual se desenvolve em torno de um espelho de água central circundado por elementos vegetalistas de origem asiática, solução que confere ao espaço museológico uma forte carga simbólica por aludir à presença portuguesa na Ásia⁶.

Através da instalação de um elevador e da implementação de uma rampa, foram facilitados os acessos aos três diferentes níveis espaciais – piso térreo, igreja e primeiro andar –, o que faculta a constituição de percursos adequados de circulação e o apoio a pessoas com mobilidade condicionada.

A importância histórica e artística do edifício em que o museu se encontra instalado e o local em que o mesmo se insere, impôs, todavia, condicionantes ao projeto arquitetónico. Note-se que este espaço, submetido a várias campanhas de obras no decurso dos últimos séculos, está situado sobre uma antiga necrópole manuelina onde se encontram vestígios arqueológicos com interesse histórico que testemunham a génese do edifício. Assim, na fase inicial da obra, e com o objetivo de minimizar o impacto sobre este património, entrou em campo uma equipa de arqueólogos e antropólogos que, com o acompanhamento científico do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR)⁷, procedeu a trabalhos de prospeção e escavação no terreno, de forma a garantir a preservação dos vestígios existentes, diminuindo-se substancialmente a área subterrânea prevista para algumas áreas funcionais do museu.

Por outro lado, foram postos a descoberto elementos arquitetónicos com interesse patrimonial, cuja conservação e estudo se impunha, como antigos vãos de paredes que originalmente ligavam a casa professa à igreja. É o caso da abertura de acesso à capela da Doutrina, pelo lado sul do museu, e da passagem ao nível inferior do púlpito, do lado oeste, vãos que se mantiveram abertos, ainda que salvaguardando a separação física das duas áreas (museu e igreja) através da colocação de um vidro. A reabertura destes vãos veio reforçar a unidade entre os dois espaços, impulsionando a intenção de enquadrar no mesmo entendimento museológico a igreja e as restantes áreas destinadas a exhibir coleções.

No decurso da intervenção foram ainda revelados uma caleira e dois arcos na parede oeste do edifício, entre o claustro e a igreja, provenientes da antiga casa professa. Consequentemente, as opções tomadas progrediram no sentido de garantir a preservação dos elementos arquitetónicos encontrados, por constituírem testemunho das várias campanhas

.....
6. Note-se que a Companhia de Jesus exerceu um papel determinante na evangelização da Ásia, área que se encontra profundamente representada nas coleções do museu.

7. Pelo Decreto-Lei n.º 126A/2011 de 29 de dezembro foi extinto e fundido com o Instituto dos Museus e da Conservação, dando origem à atual Direção-Geral do Património Cultural.

INTRODUÇÃO

de obras levadas a cabo no edifício. Se as intervenções na igreja se encontram amplamente documentadas, o mesmo não sucede com o espaço da casa professa, cuja planta mais antiga data de 1808, momento que se considera tardio se considerarmos que a sua construção remonta ao século XVI. Deste modo, com o intuito de registar a memória do espaço, foi realizado um levantamento fotogramétrico do edifício, que permitiu assinalar as linhas arquitetónicas e materiais de construção, deformações e fraturas de cantarias, inclinação das paredes e pilares, perfis de arcos e abóbadas, para além de outros elementos que conduzem a uma análise global das estruturas arquitetónicas e ao conhecimento detalhado dos materiais utilizados na construção do edifício, do seu estado de conservação e das diferentes épocas de construção.

Muito embora a última renovação tenha tido que se adaptar às características distintas do edifício, de valor histórico e patrimonial, procurou-se, tanto quanto possível, dar resposta aos requisitos que consideramos fundamentais em espaços museológicos, nomeadamente a supressão de barreiras arquitetónicas, de modo a que o museu possa prosseguir a sua função social como um lugar acessível a todos quantos o visitam.

Museografia

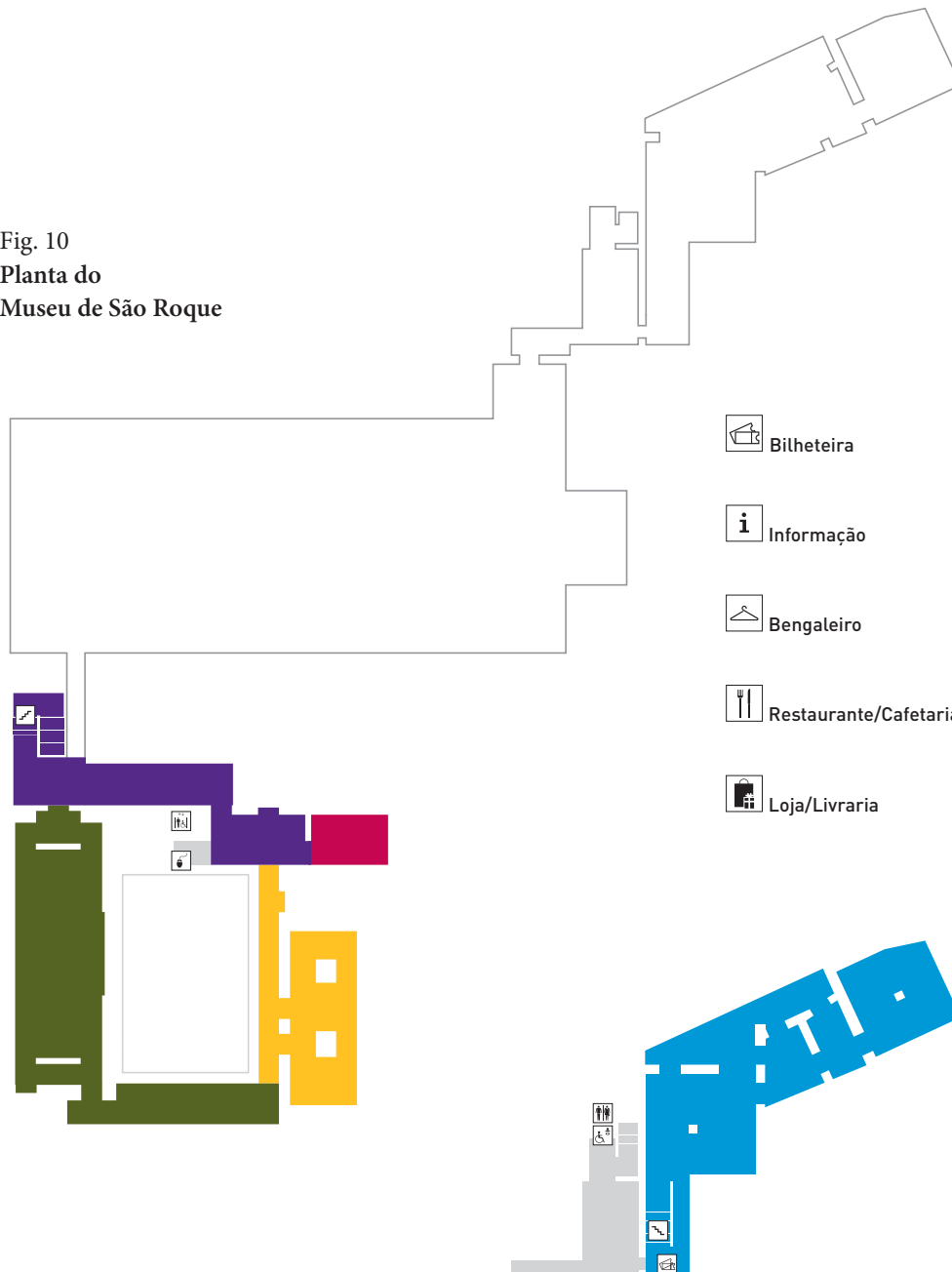
No piso térreo desenvolvem-se dois núcleos (fig. 10), um primeiro dedicado à *Ermida de São Roque*, da qual nos chegaram, entre outros valiosos testemunhos, as quatro tábuas quinhentistas alusivas à vida e lenda de São Roque, provenientes do seu primitivo retábulo. O segundo núcleo, que se estende para o piso superior, conduz para a implantação da *Companhia de Jesus em Portugal*, em 1540, e para o programa de renovação estética que as novas regras da liturgia contrarreformista impunham.

Este núcleo abre com um conjunto de obras alusivas à fundação da igreja e casa professa de São Roque e estende-se para um subnúcleo dedicado à *Iconografia e Principais Devoções da Ordem*. Esta secção é complementada com espécimes de escultura e pintura cinco e seiscentista, para além de um apreciável conjunto de relicários produzidos nas mais diversas tipologias e materiais, como a prata, o ouro, as madeiras exóticas e as pedras preciosas. Boa parte deste conjunto provem da célebre doação de D. João de Borja (1533-1606) à igreja de São Roque. A vivência dos jesuítas durante cerca de dois séculos na igreja e casa professa é também corporizada através de um conjunto notável de alfaia em prata e peças de paramentaria, na sua maioria de origem portuguesa, constituindo o subnúcleo designado *Objetos de Culto e de Ornamentação* que nos transporta para as práticas da liturgia no período contrarreformista.

Numa estreita ligação ao espaço da igreja, realçam-se ainda algumas das obras que mais afinidades apresentam com a sacralidade deste espaço, iniciando-se o acesso ao primeiro piso

Fig. 10
Planta do
Museu de São Roque

PISO 1



PISO 0



- ERMIDA DE SÃO ROQUE
- COMPANHIA DE JESUS
- ARTE ASIÁTICA
- CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA
- SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA
- GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

INTRODUÇÃO

com um percurso que apresenta relevantes espécimes de pintura seiscentista (inv. Pin. 90 e 193) que outrora cobriam os vãos laterais onde se conservavam os relicários da capela de Nossa Senhora da Piedade. Nesta área é conferido particular enfoque à Paixão de Cristo, temática especialmente proclamada em toda a estratégia de catequização contrarreformista.

Ao longo do segundo piso e numa linha de continuidade com as devoções da Ordem inaciana, segue-se o ciclo da *Genealogia da Virgem e de Cristo*, o qual conflui com o núcleo de *Arte Asiática*, cuja coleção resulta da ação da Companhia de Jesus no Padroado Português do Oriente. Sucede-se a antiga sala do *Tesouro da Capela de São João Batista* onde, como foi referido, se apresenta a mais importante realização de arte tardobarroca romana em Portugal, reconhecida como um conjunto de carácter único no contexto mundial, pela qualidade individual de cada peça, pela importância do conjunto como um todo coerente (integrado numa única encomenda) e pelo exemplar estado de conservação em que se encontra. Este importante núcleo proporciona um olhar sobre a coleção de paramentaria italiana – entendida como um produto que representa o expoente máximo da indumentária litúrgica da Itália setecentista –, exposta em rotatividade e em sintonia com o calendário litúrgico. Por fim, apresenta-se o núcleo dedicado à *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, instituição que, no decurso de mais de cinco séculos de história, tem conhecido um substancial enriquecimento patrimonial e artístico, resultante não só de importantes heranças, doações e legados, mas também de aquisições.

A área de exposição do piso térreo do edifício permite fortalecer a interligação entre o acervo do museu e a igreja de São Roque – espaço que está na sua génese – proporcionando ao visitante um percurso continuado e unitário. Os núcleos expositivos encontram-se conceptualmente ligados à igreja, monumento de onde emerge a grande linha orientadora do percurso museológico do qual é parte integrante.

A igreja de São Roque assume-se como uma “joia” de arquitetura, detentora de uma das mais completas coleções de arte sacra a nível nacional, para além de conservar um património integrado qualificado como um conjunto de referência para o conhecimento e estudo da arte portuguesa e internacional (fig. 11). Edificada no final do século XVI sob a égide da Companhia de Jesus, as suas origens remontam ao início de Quinhentos, a uma pequena ermida manuelina erguida para albergar uma relíquia de São Roque, santo cuja devoção remonta ao final da Idade Média, época profundamente marcada por sucessivas epidemias de peste que dizimaram a cidade de Lisboa.

Efetivamente, é um monumento que se impõe como testemunho ímpar da presença da Companhia de Jesus em Portugal, destacando-se por um programa artístico e iconográfico de características excepcionais. O interior deste templo engloba tesouros artísticos que passam pela sua harmoniosa ornamentação, incluindo a talha dourada e os mármore policromos dos seus singulares retábulos, a azulejaria, as composições em mosaico, a pintura, a escultura e os

INTRODUÇÃO



Fig. 11
Vista geral da igreja
de São Roque

relicários, património que tem vindo a ser valorizado por sucessivas campanhas de conservação e restauro.

Para uma melhor compreensão do discurso museológico, nesta remodelação optou-se por reinstalar na capela do Santíssimo Sacramento da igreja (antiga capela da Assunção de Maria) (fig. 12) o par de telas do pintor Bento Coelho da Silveira (1617-1708) representando a *Morte da Virgem* (inv. Pin. 59) e a *Coroação da Virgem* (inv. Pin. 58), que se encontravam anteriormente no museu. Outrora, estas pinturas protegiam parte dos relicários desta capela e eram removidas em dias de festas especiais para veneração das relíquias. Por seu turno,



Fig. 12
Vistas dos alçados laterais
da capela do Santíssimo
Sacramento com as telas
recolocadas no seu local
original

parte dos relicários desta capela transitaram para o Museu de São Roque, onde passaram a ter maior evidência e leitura⁸.

No topo das portas do subcoro da igreja foram instaladas as telas *Ascensão e Aparição de Cristo à Virgem* (inv. Pin. 212 e 215), também executadas por Bento Coelho da Silveira, e provenientes da capela de Nossa Senhora da Doutrina, o que permitiu clarificar a ligação aos seus locais de origem.

A última requalificação do museu veio ainda propiciar uma melhoria das condições de conservação e apresentação da exposição permanente, utilizando meios adequados à boa observação e conservação das obras de arte, procedendo-se, nalguns núcleos, à rotatividade das peças em exposição.

Neste sentido, foram implementadas medidas com o objetivo de garantir as boas práticas de conservação preventiva, tendo sido realizado um estudo sobre o comportamento higrotérmico das soluções construtivas para o edifício, o qual permitiu aferir os materiais de revestimento a aplicar nas paredes e cobertura do museu. Do mesmo modo, no que respeita à conceção das vitrinas, foram feitos testes aos respetivos materiais de construção e revestimento, de forma a acautelar a boa conservação das peças em exposição.

.....
8. A tipologia da capela aponta para que os elementos em talha inseridos nas molduras laterais que albergavam os relicários tenham sido refeitos em finais do século XIX. Muitos dos relicários até então ali instalados não correspondem às descrições constantes no inventário oitocentista (*Memória do Descobrimento*, 1843), facto que não sucede com as restantes capelas da igreja, que conservam relíquias cujos nichos e relicários não parecem ter sofrido alterações significativas desde o século XVII.

INTRODUÇÃO

Uma significativa parte das obras expostas foi submetida a trabalhos de conservação e restauro, intervenções que vieram clarificar a leitura do acervo museológico. Neste contexto, merece especial referência a limpeza e o tratamento da coleção de ourivesaria e têxteis da capela de São João Batista, que possibilitaram uma mais clara leitura das aprimoradas técnicas utilizadas nas oficinas de ourivesaria da Roma setecentista. Impondo-se como uma obra-prima da arte italiana, esta coleção é definida como um conjunto que representa o culminar da arte barroca do bronze e da prata, com um nível de aperfeiçoamento nunca antes atingido (Montagu, 1996a, p. 182). Testemunho de uma fase final da presença jesuítica no edifício da igreja e casa professa de São Roque, este tesouro sobressai como um conjunto de rara qualidade estética no contexto da arte europeia e assume uma importância fulcral como espaço museológico.

No âmbito deste projeto de remodelação, procurou-se entender o museu como parte integrante de um conjunto patrimonial que inclui a igreja, dando-se início a um plano de ações de conservação desta última, do qual se salienta a implementação de um novo sistema de luminotecnia, a intervenção de conservação e restauro da talha dourada da capela-mor bem como das capelas laterais.

A capela de São João Batista foi restituída à fruição contemporânea por um ambicioso e complexo processo de restauro que teve lugar entre 2011 e 2012, levado a cabo por técnicos do Laboratório José de Figueiredo, do então Instituto dos Museus e da Conservação, para os elementos pétreos e metálicos, e por especialistas italianos coordenados por um perito do Istituto Centrale per il Restauro di Roma na área do mosaico vítreo. Tal projeto permitiu trazer à luz importantes informações para a compreensão da evolução histórica do processo de construção da capela, devolvendo ao monumento régio o seu esplendor original.

A realização de testes e análises prévios, por parte de uma equipa pluridisciplinar constituída por conservadores restauradores portugueses e italianos, químicos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e da Stazione Sperimentale del Vetro em Murano, Veneza, permitiram identificar as adequadas metodologias de intervenção. Restaurar o extraordinário acervo de que a Santa Casa é depositária, promover a sua apropriada musealização e renovar o seu conhecimento com consciencioso rigor científico constituíram, pois, um ambicioso objetivo assumido pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e traduzido num programa integral de valorização da capela de São João Batista, no qual se incluíram as exposições *A Encomenda Prodigiosa. Da Patriarcal à Capela Real de São João Batista*, apresentada no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu de São Roque (2013) e *De Roma para Lisboa: Um Álbum para o Rei Magnânimo*, apresentada no Museu de São Roque (2015). Este conjunto de iniciativas foi coroado com a monografia da capela de São João Batista que, editada em 2015, revelou os resultados da investigação desenvolvida por reputados especialistas portugueses e italianos, dando a conhecer aprofundadas

INTRODUÇÃO

informações sobre as diferentes etapas do restauro, com o propósito de desenvolver, detalhar e contextualizar esta encomenda, o seu processo de construção e o seu extraordinário tesouro.

Informação e Divulgação

O projeto de ampliação / remodelação do Museu de São Roque foi acompanhado de uma preocupação em disponibilizar, aos diferentes públicos, informação atualizada sobre o acervo e o espaço arquitetónico da antiga casa professa de São Roque. Em formatos impressos ou digitais, os recursos interpretativos da igreja, do museu e das suas coleções têm vindo a ser criados numa lógica de públicos, ou seja, pensando na especificidade de cada segmento a que nos dirigimos, designadamente, público adulto, nacional e estrangeiro, e público infantil e juvenil.

Paralelamente, a oferta programática do museu, instrumento fundamental da interpretação patrimonial, cresceu e diversificou-se, numa lógica de comunicação direta com os públicos. As tradicionais visitas guiadas foram complementadas com itinerários, performances artísticas, *ateliers* e *workshops*, entre muitas outras atividades que se realizam tanto em dias de semana, como ao fim-de-semana, o que permite dar resposta às necessidades de um público mais alargado, designadamente famílias. Deste modo, foi possível diversificar os públicos do Museu de São Roque.

Em alinhamento com a missão de estudo e divulgação dos bens culturais que constituem o seu acervo, o Museu de São Roque tem desenvolvido um programa regular de exposições temáticas, exibidas na galeria de exposições temporárias, para o efeito requalificada em 2014. Assente em programas de investigação, este plano de exposições procura também posicionar o museu num contexto cultural mais amplo, estabelecendo pontes com instituições culturais nacionais e internacionais.

Procura-se, desta forma, despertar a curiosidade e o interesse de todos pelo valioso acervo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, apelando também ao conforto e bem-estar num espaço que dignifica a memória de um património com mais de cinco séculos de história.

Teresa Freitas Morna